



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

A ESPIRITUALIDADE PENTECOSTAL COMO PRESENÇA TRANSFORMADORA¹

Pentecostal spirituality as transforming presence

Fernando Albano²
Joel Haroldo Baade³

Resumo: A espiritualidade pentecostal é caracterizada pelo batismo no Espírito Santo, dons espirituais, participação leiga e pela evangelização. Trata-se de uma espiritualidade marcada pela experiência pessoal e pela emotividade. O batismo no Espírito Santo pode ser entendido como empoderamento da vida. Essa experiência pentecostal profana as formas convencionais de ministério cristão, devolvendo-o àqueles de quem havia sido tirado. Para o bem e para o mal, influenciou e transformou aspectos do cenário religioso brasileiro, afirmando a vida daqueles de quem o protagonismo cristão havia sido usurpado.

Palavras-chave: Pentecostalismo clássico. Experiência religiosa. Empoderamento. Profanação. Protagonismo cristão.

Abstract: Pentecostal spirituality is characterized by the baptism in the Holy Spirit, spiritual gifts, lay participation and by evangelization. It is a spirituality marked by personal experience and by emotionality. The baptism in the Holy Spirit can be understood as empowerment of life. This Pentecostal experience profanes the conventional forms of the Christian ministry, giving it back to the people. For the good and the worst, influenced and transformed aspects of the Brazilian religious scenery, claiming the lives of those whom the Christian leadership had been usurped.

Keywords: Classic Pentecostalism. Religious experience. Empowerment. Profanation. Christian leadership.

¹ O artigo foi recebido em 04 de março de 2015 e aprovado em 27 de maio de 2016 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutorando em Teologia pela Faculdades EST, em São Leopoldo/RS, Brasil. Docente na Faculdade Refidim, em Joinville/SC, Brasil. Bolsista da Evangelisches Missionswerk. Contato: fernando@ceeduc.edu.br

³ Doutor em Teologia pela Faculdades EST, em São Leopoldo/RS, Brasil. Docente e pesquisador do Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento e Sociedade da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP, em Caçador/SC, Brasil. Contato: baadejoel@gmail.com

Introdução

O dinamismo e a criatividade da espiritualidade pentecostal produziu uma verdadeira revolução religiosa e social no Brasil. O cristianismo em seus diversos ramos denominacionais foi direta ou indiretamente atingido pelo movimento. De tal modo que, até mesmo igrejas reconhecidamente históricas e tradicionais (como a igreja católica, metodista e presbiteriana) se abriram à espiritualidade pentecostal.⁴ Surgiram movimentos de renovação, carismáticos, avivados, entre outros. Cunha corrobora: “O crescimento pentecostal passou a exercer uma influência decisiva sobre o modo de ser das demais igrejas cristãs”⁵. Sendo assim, quais são as principais características da espiritualidade pentecostal que apresentam força transformadora da realidade eclesial e social? Neste artigo se discorrerá sobre três aspectos: experiência religiosa, empoderamento e profanação como possíveis respostas a essa indagação.

Espiritualidade fundamentada na experiência religiosa

A experiência com o poder do Espírito Santo é central para a espiritualidade⁶ pentecostal.⁷ Enquanto que a autoridade religiosa do protestantismo fundamenta-se na revelação contida na Bíblia, sendo aceitos como princípios universais que devem ser corretamente interpretados pelos especialistas das igrejas (teólogos), no pentecostalismo a autoridade religiosa está embasada na experiência particular do crente, no ser “cheio do Espírito” e nas Escrituras. Logo, para o primeiro há o universal da doutrina, cuja vida humana deve se adaptar, entretanto, para o pentecostalismo a experiência com o Espírito Santo é fundamental. Assim, a questão-chave é a doutrina ou a vida? O universal ou o particular?

O pentecostalismo em suas origens marginais, negra e pobre, priorizou os símbolos e as metáforas que expressavam valores transcendentais, mas que possuíam ligação direta com sua experiência do cotidiano.⁸ O poder do Espírito foi invocado como forma de lidar com a impotência da vida. Dessa forma, o batismo no Espírito Santo possibilita o protagonismo no mundo em missão.

⁴ PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção temas do ensino religioso). p. 15.

⁵ CUNHA, Magali do Nascimento. Religião na esfera pública: a tríade mídia, mercado e política e a reconstrução da imagem dos evangélicos brasileiros na contemporaneidade. In: REBLIN, Iuri Andréas; SINNER, Rudolf von (Orgs.). *Religião e sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012. p. 179.

⁶ O termo espiritualidade não é unívoco em seu significado; geralmente significa a abertura humana para a dimensão espiritual, ou seja, para realidades que estão além da matéria e da vida concreta. GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. *Dicionário de teologia: mais de 300 conceitos teológicos definidos de forma clara e concisa*. São Paulo: Vida, 2000. p. 50.

⁷ GILBERTO, Antonio. Pneumatologia. A doutrina do Espírito Santo. In: GILBERTO, Antonio (Ed.). *Teologia sistemática pentecostal*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 191.

⁸ CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 62.

Por outro lado, com a institucionalização crescente do pentecostalismo clássico brasileiro, ocorre uma tentativa de fundamentar melhor sua teologia. Assim, o pentecostalismo visa racionalizar sua fé, marcar sua identidade e torná-la mais inteligível e bem fundamentada. Contudo, o faz com símbolos universais do protestantismo histórico que não faz jus à sua experiência do Espírito.⁹ Isso porque a espiritualidade pentecostal não se caracteriza prioritariamente por um conjunto de verdades às quais o sujeito adere, mas como experiência no Espírito Santo que impele ao protagonismo. Portanto deve-se distinguir a espiritualidade pentecostal do pentecostalismo institucionalizado, com dogmas e doutrinas frequentemente contraditórios.

Campos, teólogo pentecostal, apresenta um princípio intitulado de “pentecostalidade”, que auxilia nessa questão:

Entendemos por pentecostalidade aquele princípio e aquela prática religiosa moldados pelo acontecimento de Pentecostes. Trata-se de uma experiência universal que eleva à categoria de “princípio” (arquê ordenador) as práticas pentecostais que procuram ser concretizações históricas dessa experiência primordial¹⁰.

Nesse sentido, há o pentecostalismo com seu conjunto de instituições religiosas que visam ser a concretização histórica do Pentecostes e a pentecostalidade (arquê ordenador) – a experiência primordial e normativa. Essa distinção ajuda a fé pentecostal a não limitar a ação do Espírito ao seu próprio movimento religioso, resultando, assim, no que Tillich chama de idolatria ou manifestação do “demônico” na esfera religiosa.¹¹ Enfim, é uma maneira de distinguir entre a substância espiritual e a forma de concretização dessa nas diversas igrejas.

Também convém ressaltar que o pentecostalismo não combina com a fixa e rígida doutrina das formas de fundamentalismo cristão. O Espírito é livre e sopra onde quer, portanto não se deixa apreender pelas definições retas ou fechadas (Cf. Jo 3.5-8). Paradoxalmente, no pentecostalismo se percebe essa estranha mistura entre o movimento livre do Espírito com o engessamento da doutrina de corte fundamentalista. São elementos díspares e contraditórios. O pentecostalismo é religião do livro sagrado como as demais expressões cristãs, porém sua experiência com o Espírito de Deus passa pela Bíblia, mas não se limita a ela, pois, para a crença pentecostal, o Espírito age por meio da Escritura, mas também fala diretamente na subjetividade dos crentes. Isso ocorre por intermédio de sonhos, revelações, palavras proféticas, entre outros. A Bíblia de Estudo Pentecostal afirma: “O que se diz de uma pessoa que recebe uma profecia, ou revelação, no âmbito do culto de adoração (1 Co 14.26-32)? Ela está recebendo, ou não, a palavra de Deus? A resposta é um ‘sim’”¹².

⁹ GANDRA, Valdeine Ramos. A “teologia do Espírito Santo” como uma das dimensões da imaterialidade da cultura assembleiana. *Azusa*, Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 5, n. 2, jul. 2014. p. 74-75.

¹⁰ CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja*: debates sobre o pentecostalismo na América Latina. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002. p. 85.

¹¹ TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 624-625.

¹² BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 1060.

Na realidade, sempre houve uma espécie de anarquia hermenêutica por parte dos pentecostais, ou seja, uma autêntica liberdade na interpretação da Bíblia, sem os recursos consagrados pela hermenêutica conservadora, de matriz fundamentalista. A Bíblia é concebida, na prática pentecostal, como Palavra de Deus, e, certamente “a regra de fé” que deve julgar todas as demais manifestações tidas como Palavra divina, mas de modo algum é exclusiva.¹³ Certamente, o cerne da espiritualidade pentecostal não se encontra na objetividade da via doutrinária, antes se apoia primeiramente na subjetividade da experiência com o Espírito Santo.¹⁴

Sendo assim, pode-se afirmar que nesse ponto há um potencial transformador na espiritualidade pentecostal, porque enquanto a doutrina das igrejas pretende dar continuidade ao passado histórico, apresentando com fidelidade os símbolos religiosos que demonstram sua identidade, no pentecostalismo, as doutrinas são apoiadas ou negadas a partir da experiência do Espírito em interface com a leitura da Bíblia. Assim, a experiência religiosa popular é que dá o tom doutrinário e, dessa maneira, provoca a transformação da realidade, a criação de novas formas de entender e se relacionar com Deus.

De acordo com Tillich, a teologia cristã baseia-se no “evento único Jesus o Cristo”. Ele é o critério de toda experiência religiosa, e como esse evento é anterior à experiência, não se deriva dela. Portanto, segundo Tillich, a experiência “recebe e não produz”. Mas ele salienta que a recepção da revelação “colora a apresentação e determina a interpretação daquilo que recebe”. Assim, não há mera repetição do que se recebeu, mas transformação, por outro lado, não se trata de uma nova produção. “A experiência religiosa do ser humano só poderia se tornar uma fonte independente da teologia sistemática se o ser humano estivesse unido à fonte de toda experiência religiosa, o poder Espiritual que habita nele”. Tillich prossegue: “Mas, como os reformadores sublinharam realisticamente contra os entusiastas, esta unidade não é um fato”. Assim, Tillich é categórico em criticar toda teologia que faz da experiência uma fonte independente “em vez de um elemento mediador que depende da teologia sistemática”¹⁵.

Considerando a ênfase pentecostal na experiência do Espírito à luz da análise de Tillich sobre a interface de experiência e revelação, pode-se inferir que, por um

¹³ Cf. ARAUJO, 2007, p. 288. ANDRADE, Claudionor Corrêa de. Bibliologia. A doutrina das escrituras. In: GILBERTO, 2008, p. 40-47.

¹⁴ Na perspectiva oficial da teologia pentecostal clássica, representada principalmente pelas Assembleias de Deus, a experiência com o Espírito passa pelo crivo da Bíblia, de modo que não pode contradizê-la. Com exceção, para aqueles que não sabem ler ou leem a partir da experiência. Por exemplo, na obra *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*, uma das maiores referências teológicas das ADs, pode-se ler: “Nenhum encontro autoritativo com Deus supera a autoridade de sua palavra escrita [...] Todas as experiências pessoais devem ser averiguadas e avaliadas pelas Escrituras”. Ainda: “O Espírito Santo é aquele que inspirou a Palavra e que lhe concede autoridade. Ele nada falará contrário àquilo que a Palavra inspirada declara, e nada além disso. HIGGINS, John R. A palavra inspirada de Deus. In: HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 87-88.

¹⁵ TILLICH, 2005, p. 61-62.

lado, essa característica pentecostal se revela crítica das formas religiosas heterônomas que impõem doutrinas às pessoas. Por outro lado, essa ênfase subjetiva pode afastar o pentecostalismo dos ensinamentos apostólicos, enquanto fonte normativa da fé cristã, assim como do protestantismo histórico, mais embasado na revelação divina, presente objetivamente na Escritura. Além disso, esse destaque na subjetividade do crente pentecostal (experiência emocional), numa espécie de “palavra interior” dita por Deus, pode se revelar, afinal, como pensamentos humanos que são considerados como sendo “divinos”. Diante desse possível equívoco, o pentecostalismo pode considerar mais seriamente a importância da Escritura como critério de verificação da autenticidade de suas experiências pessoais com o sagrado.

Espiritualidade como empoderamento da vida

O elemento mais destacado da espiritualidade pentecostal é o batismo no Espírito Santo. Isso é afirmado por Rolim quando enfatiza que “o centro do pentecostalismo é o batismo do Espírito Santo, que não é um rito como o batismo com água, e sim uma presença especial do Espírito Santo”¹⁶. Propõe-se na presente análise um entendimento desse batismo como empoderamento da vida.

Segundo Nordstokke, o termo empoderamento é oriundo do inglês “empower”, que significa “dar poder a alguém” ou “autorizar” uma pessoa. É um ato positivo, já que isso se refere a pessoas cuja situação de vida é marcada por marginalização ou estigmatização.¹⁷ Nesse sentido, há uma ênfase no empoderamento ligado a aspectos sociais e políticos da condição humana. A espiritualidade pentecostal segue nessa direção ao oferecer confiança pessoal ao marginalizado e ao inseri-lo numa rede de ajuda comunitária, possibilitando, dessa forma, senso de pertença e acolhimento mútuo.¹⁸ De acordo com Rudolf von Sinner, o empoderamento real acontece no meio pentecostal pela transmissão de senso de dignidade e capacidade. Principalmente pelo fato dos mais pobres dos pobres serem vistos como portadores do Espírito Santo na comunidade, e há evidências disso no culto e na vida diária.¹⁹

No sentido estritamente religioso, empoderamento em perspectiva pentecostal refere-se à capacidade “profética”, isto é, ao discurso inspirado para exortar as pessoas a se comprometer com Deus, mediante a mensagem do Evangelho. Encontra seu fundamento principalmente no Evangelho de Lucas. Como afirma Menzies:

¹⁶ ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 7.

¹⁷ NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia e empoderamento. In: REBLIN; SINNER (Orgs.), 2012, p. 76-77, 85-86.

¹⁸ MOREIRA, Cosme Alexandre Ribeiro. A força do pentecostalismo para transformar a sociedade: visão profética ou consequência da perseverança? In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e transformação social*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 87.

¹⁹ SINNER, Rudolf von. Pentecostalism and citizenship in Brazil: between escapism and dominance. *International Journal of Public Theology*, ano 6, n. 1, p. 99-117, 2012. p. 109.

Na perspectiva de Lucas, a comunidade da fé é uma comunidade de profetas em potencial. E é pela recepção do dom do Espírito (batismo no Espírito) que esse potencial se realiza. Era esperança de Lucas que esse potencial se realizasse na igreja do seu tempo, como fora no passado (e. g., Lc 3.16; 11.13; At 2.17,18)²⁰.

Segundo Antonio Gilberto, teólogo pentecostal, o batismo:

[...] é um revestimento e derramamento de poder do Alto, com a evidência física inicial de línguas estranhas, conforme o Espírito Santo concede, pela instrumentalidade do Senhor Jesus, para o ingresso do crente numa vida de mais profunda adoração e eficiente serviço para Deus (Lc 24.49; At 1.8; 10.46; 1 Co 14.15,26)²¹.

Essa experiência espiritual resulta em línguas estranhas, adoração a Deus e serviço.

Essa espiritualidade ampara-se numa hermenêutica da fé cristã que tem por fundamento a crença de que os fenômenos que acontecem dentro das suas comunidades são idênticos aos fenômenos que o Novo Testamento menciona nas primeiras comunidades cristãs.²² Como amplamente conhecido, a experiência pentecostal busca sua fundamentação no relato bíblico do dia de Pentecostes. Assim, se diz que os discípulos de Cristo estavam todos juntos,

De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava (At 2.2-4).

A partir disso, segundo os pentecostais, a fé cristã não é apenas uma mensagem na qual se deve acreditar, mas uma experiência de fé que se torna uma mensagem da igreja. Frequentemente se afirma que essa experiência é evidenciada pelo falar em línguas (glossolalia), conforme o modelo de Atos dos Apóstolos. Termo derivado de *glōssais lalein*, uma expressão grega usada no Novo Testamento que significa literalmente “falar em [ou ‘com’ ou ‘por’] línguas”.²³ Cabral, teólogo pentecostal, é categórico: “O falar em línguas estranhas, seja como sinal, seja como dom, é uma operação divina encontrada somente a partir de Atos 2. O falar em línguas como sinal do batismo com o Espírito Santo teve seu início no dia de Pentecostes (Atos 2.4)”²⁴. Para Palma, os resultados do batismo no Espírito Santo são: 1) Poder para testemunhar a respeito de Jesus. Nenhum outro propósito tem sido mais destacado pelos pentecostais

²⁰ MENZIES, William W.; MENZIES, Robert P. *No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal: um chamado ao diálogo*. São Paulo: Vida, 2012. p. 248.

²¹ GILBERTO, Antonio. Pneumatologia. A doutrina do Espírito Santo. In: GILBERTO, 2008, p. 191.

²² WYCKOFF, John W. O batismo no espírito santo. In: HORTON, 2008, p. 462.

²³ ARAUJO, 2007, p. 331.

²⁴ CABRAL, E. *Lições bíblicas: o que é o batismo com o Espírito Santo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 21.

do que esse.²⁵ A base bíblica principal é Atos 1.8: “recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém com em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra”. 2) Poder para realizar milagres. “Os milagres registrados no livro de Atos certamente são realizados pelo poder do Espírito Santo.”²⁶ 3) Discernimento e liderança com relação aos assuntos da igreja. Poder para ministrar com sabedoria e coragem para a igreja. 4) Falar em línguas. “Falar em línguas é assim a indicação imediata, empírica e externa de que o enchimento aconteceu.”²⁷ 5) Abertura para manifestações espirituais. Pessoas batizadas no Espírito demonstram maior receptividade para os dons espirituais. 6) Finalmente, o batismo no Espírito Santo resulta em vida correta. Palma enfatiza: “O batismo no Espírito não pode ser separado de suas implicações no que se refere a uma vida dentro dos padrões da justiça. [...] Alguém que é realmente cheio de/dominado pelo Espírito Santo não viverá uma vida incorreta”²⁸.

Assim, o batismo no Espírito Santo é uma experiência de empoderamento no Espírito, que torna o fiel apto ao serviço na comunidade e ao testemunho ousado de Jesus Cristo (At 1.8) no mundo. Também há implicações éticas para a vida do cristão. Ainda: pode-se dizer que o batismo no Espírito significa, entre outras coisas, ser possuído por uma instância maior, superior, enfim, por uma força transcendental que permite a vida começar de novo. É poder para o sujeito sair de si e voltar-se ao outro em amor.

Também, segundo o pentecostalismo, o batismo no Espírito Santo é algo posterior à conversão²⁹ e abre para o crente uma ampla gama de dons espirituais, conforme são citados no Novo Testamento (especialmente 1 Coríntios 12.7-11, 27-31, Romanos 12.3-8 e Efésios 4.11-13).³⁰ Segundo Palma, “[...] os pentecostais sempre ensinaram que as pessoas tornam-se morada do Espírito na hora da conversão (Rm 8.9; 1Co 6.19), mas que o batismo no Espírito é uma experiência do Espírito distinta de sua habitação no crente”³¹.

Entre os dons espirituais, certamente os mais valorizados pelos pentecostais tem sido o falar em línguas estranhas³², a profecia e o dom de curar. Nisso tudo, o crente acaba obtendo sentido para sua vida religiosa e experimental a liberdade de ampliar sua identidade pessoal e presença no mundo. Ocorre um legítimo empoderamento da pessoa, que é inserida na comunidade.

²⁵ PALMA, Anthony D. *O batismo no Espírito Santo e com fogo: os fundamentos bíblicos e a atualidade da doutrina pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. p. 86.

²⁶ PALMA, 2002, p. 87.

²⁷ PALMA, 2002, p. 89.

²⁸ PALMA, 2002, p. 93.

²⁹ Cf. WYCKOFF, John W. O batismo no espírito santo. In: HORTON, 2008, p. 435-441.

³⁰ LIM, David. Os dons espirituais. In: HORTON, 2008, p. 465-468.

³¹ PALMA, 2002, p. 35.

³² De acordo com Bobsin: “O falar em ‘línguas estranhas’ não deixa de ser uma certa rejeição dos códigos linguísticos dominantes”. BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. 2. ed. São Leopoldo: CEBI/PPL/EST, 2006. p. 120.

Diante disto, em termos críticos, pode-se perguntar se esse empoderamento espiritual mediante o batismo no Espírito Santo não resulta em duas espécies de crenças, isto é, os “empoderados”, que evidenciam isso mediante o dom de línguas e os crentes “normais” ou “fracos”. Assim, essa experiência não dividiria a comunidade, afirmando as individualidades? Não resultaria numa espécie de orgulho espiritual? Segundo Erickson, em muitos sentidos, mais importante que receber certos dons é o fruto do Espírito, que se revela em prática de amor, alegria e paz. Esses seriam os sinais inequívocos de uma experiência vital com o Espírito.³³

De acordo com Menzies, teólogo pentecostal, deve-se rejeitar a noção de que a igreja é composta de duas classes de pessoas: “os maduros, que foram batizados no Espírito Santo, e os imaturos, que não o foram”³⁴. Deve-se afirmar a unidade da comunidade cristã. Segundo ele, o batismo no Espírito, “[...] deve ser visto de acordo com o propósito que Lucas afirma que deve ser: a fonte de intrepidez e poder em nosso serviço e testemunho”³⁵. Portanto empoderamento no Espírito (batismo) deve ser compreendido como distinto da maturidade cristã ou santidade e ligado diretamente ao serviço cristão.

Espiritualidade profanadora

A espiritualidade pentecostal é caracterizada pela experiência religiosa de índole subjetivista que, em sentido que aqui se pretende explicitar, profana o sagrado institucionalizado, para inserir no sagrado aqueles que dele estiveram excluídos. A espiritualidade pentecostal implica profanação; não no sentido de simples desrespeito para com o sagrado, mas em analogia com o sentido proposto por Agamben³⁶, ou seja, de devolver às pessoas aquilo que fora sacralizado, tornado um tabu. O filósofo italiano extrai o termo profanação dos escritos dos juristas romanos que recomendavam a negligência para com as normas impostas pela religião. Essas normas “separam”, reforçam a distinção entre as esferas divinas e humanas. Para superar essa separação é preciso profanar, ou seja, “[...] abrir a possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular”³⁷. Assim, no contexto da prática romana, essa negligência para com o sagrado (especialmente dos povos subjugados), resultava em profanação do espaço ou lugar sagrado que era devolvido ao público, à esfera de acesso geral.

Agamben aplica essas ideias no sentido político ao afirmar que o capitalismo vigente no tempo atual é uma forma de religião, com suas normas de consumo e dominação que devem ser profanadas, isto é, negligenciadas pela sociedade. Assim se poderia pensar novas formas de relação social e economia, pautadas por maior

³³ Cf. ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 364.

³⁴ MENZIES; MENZIES, 2012, p. 253-254.

³⁵ MENZIES; MENZIES, 2012, p. 254.

³⁶ Cf. AGAMBEN. Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 65-69.

³⁷ AGAMBEN, 2007, p. 66.

igualdade e justiça.³⁸ O pentecostalismo compreende que todos são consagrados pelo Espírito e dispõem de dons, e assim resulta que praticamente ninguém é sagrado em especial. Desse modo, ocorre uma quebra do princípio da separação que caracteriza o conceito de sagrado. O que é restrito pela consagração/ordenação a uma minoria de indivíduos nas igrejas tradicionais, nas comunidades pentecostais é devolvido a todos e todas pela experiência religiosa individual. Assim, possivelmente, o poder pentecostal pode ser compreendido como um poder profanador, que devolve o poder religioso às pessoas de quem fora capturado pela consagração religiosa. Trata-se de uma espiritualidade lúdica, emotiva, em que todos são convidados a participar e atuar, seja pregando, evangelizando, cantando etc. Não se levam a sério as consagrações, especializações ou habilidades de alguns poucos especialistas, pois no Espírito todos podem ser instrumento de Deus.

Essa profanação possui vínculo com a experiência do batismo no Espírito Santo porque essa experiência espiritual é disponível para todos e todas e se constitui no elemento fundamental da capacitação e autoridade religiosa. Não é algo de exclusividade dos obreiros (clérigos). Todos podem ter o poder espiritual que habilita à fala e ao testemunho, assim se reduz o caráter exclusivo do ministério cristão ordenado. Como observa Bobsin: “[...] o pentecostalismo rompe com uma cultura religiosa e política hierárquica na esfera religiosa. O Espírito dá dons a todos, permitindo, assim, a participação na vida da congregação”³⁹.

Essa “cultura religiosa e política hierárquica na esfera religiosa” tem relação com a consagração ministerial que, no caso das igrejas protestantes históricas, passa por rigorosa formação intelectual e racionalista, que pode levar alguns anos. No caso dos pentecostais, a habilitação para o ministério vem principalmente da experiência com o Espírito Santo, evidenciada pelo falar em línguas estranhas. Também pela comprovação de algumas habilidades básicas, sobretudo retóricas, e alguma capacidade de liderança, demonstradas pela experiência da vida comunitária. Assim, o ministro religioso é feito no interior da comunidade, em seu dia a dia, no calor da atuação prática. Nas palavras de Oliva e Benatte: “Ademais, a organização carismática e a experiência de derramamento do Espírito ‘sobre toda carne’ relativizam o peso da educação formal, flexibilizando as relações de saber-poder entre letrados e iletrados no seio das igrejas locais; esse processo aumenta significativamente o poder dos leigos”⁴⁰.

Dessa maneira, a transformação realizada pela espiritualidade pentecostal acaba assumindo feições profanadoras do cristianismo tradicional, burocrático e racionalista. Assim ela devolve ao povo o direito da palavra, isto é, de ser portador da palavra divina. É aceito amplamente que o pentecostalismo brasileiro é predominantemente caracterizado pela palavra falada (oralidade), que ocupa um papel central na sua espiritualidade. No desenvolvimento histórico do pentecostalismo, percebe-se que a

³⁸ Cf. AGAMBEN, 2007, p. 65-69.

³⁹ BOBSIN, 2006, p. 73.

⁴⁰ OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. Um século de pentecostes no Brasil: algumas observações. In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo (Orgs.). *100 anos de pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2010. p. 42.

oralidade está sempre presente. Um aspecto relevante é o fato de que, em culturas orais, o contato humano é valorizado e verbalizado na vida cotidiana das pessoas.⁴¹ Como disse Boff ao mencionar as mudanças realizadas pelas igrejas pentecostais e carismáticas: “[...] romperam o monopólio da palavra mantido pela hierarquia”⁴².

A experiência do Espírito, então, democratiza o acesso ao serviço religioso, profanando (negligenciando) as mediações sagradas, que são embasadas no tabu e na separação. Na perspectiva bíblica, o Espírito é “derramado sobre toda carne”, e sobre toda classe de pessoas, como indica o texto profético de Joel 2⁴³ e mencionado no livro de Atos. Dessa maneira, a separação entre o santo e o profano é reduzida. No Espírito Santo, o sagrado e o profano são reconciliados.

A profanação pentecostal, fundamentada na negligência para com as formas cristãs de separação entre sacerdotes e leigos, criou novas formas de espiritualidades vivas e dinâmicas no seio da cristandade, com certo caráter lúdico e libertador. Trata-se de aspectos que podem ser considerados positivos. Entretanto, com a crescente institucionalização do pentecostalismo brasileiro, o mesmo vem se levando muito a sério e abraçando pressupostos fundamentalistas, e, portanto, de “separações”, estranhos à sua experiência original, pautada por flexibilidade e criatividade doutrinária. Deste modo, também tende a assumir o perfil fechado das religiões tradicionais. Inclina-se, ainda, a promover separações na esfera pública, com uma mentalidade do tipo “nós” e “eles”, santos e ímpios, que em nada ajuda na construção da paz e em atitude dialógica e de tolerância.

Considerações finais

A promoção da igualdade e justiça no mundo pode implicar profanação das formas consagradas de religiosidade e ideologias comprometidas com a manutenção do *status quo* de uma minoria elitista. Essas priorizam unicamente suas expressões culturais, em detrimento das demais, fazendo-se surda ao clamor dos necessitados, presente nas formas culturais e religiosas populares.

Diante disso, a espiritualidade pentecostal, caracterizada pela ênfase na experiência com o Espírito Santo, pode ser considerada uma força transformadora, de renovação da vida e de nova esperança em uma situação caótica e de opressão social. Isso porque na comunidade pentecostal o pobre é empoderado; experimenta dignidade por meio do sentimento de pertença e de realização. De acordo com a crença pentecostal, esse empoderamento a partir da experiência pessoal com o Espírito de Deus pode resultar na profanação das formas ordenadas e tradicionais de ministérios

⁴¹ Cf. POMMERENING, Claiton Ivan. *Oralidade e escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades*. 2008. Dissertação (Mestrado) – IEPG, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008. p. 102-104.

⁴² BOFF, Leonardo. *Cristianismo: o mínimo do mínimo*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 155.

⁴³ “[...] derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os velhos terão sonhos, os jovens terão visões. Até sobre os servos e as servas derramarei do meu Espírito naqueles dias.” BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*: nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2000.

crístãos, que se mostraram insuficientes para atender as demandas de sentido e esperança dos pobres.

Contudo, as igrejas pentecostais devem cuidar para que esse empoderamento não assuma a forma de violência simbólica contra o outro (diferente) nem uma postura triunfalista, como se pudesse prescindir da escuta atenta a outras tradições cristãs. O poder do Espírito, conforme relatado em Atos, capítulo 2, apresenta também o escutar “línguas” como sinal da presença divina e não apenas o ato de falar. O empoderamento espiritual também deveria permitir a escuta do diferente.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ANDRADE, Claudionor Corrêa de. Bibliologia. A doutrina das escrituras. In: GILBERTO, Antonio (Ed.). *Teologia sistemática pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. 2. ed. São Leopoldo: CEBI; Curitiba: Pastoral Popular Luterana; São Leopoldo: Sinodal: IEPG EST, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Cristianismo: o mínimo do mínimo*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja: debates sobre o pentecostalismo na América latina*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002.
- CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *Religião na esfera pública: a tríade mídia, mercado e política e a reconstrução da imagem dos evangélicos brasileiros na contemporaneidade*. In: REBLIN, Iuri Andréas; SINNER, Rudolf von (Orgs.). *Religião e sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.
- ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- GANDRA, Valdeine Ramos. A “teologia do Espírito Santo” como uma das dimensões da imaterialidade da cultura assembleiana. In: *Azusa*. Revista de Estudos Pentecostais, Joinville: Refidim, v. V, n. 2, jul. 2014.
- GILBERTO, Antonio. Pneumatologia. A doutrina do Espírito Santo. In: GILBERTO, Antonio (Ed.). *Teologia sistemática pentecostal*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. *Dicionário de teologia: mais de 300 conceitos teológicos definidos de forma clara e concisa*. São Paulo: Vida, 2000.
- HIGGINS, John R. A palavra inspirada de Deus. In: HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- LIM, David. Os dons espirituais. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres. Disponível em: <<http://www.metodista.br/fateo/materiais-de-apoio/artigos/o-pentecostalismo-no-brasil-cem-anos-depois-uma-religiao-dos-pobres>> Acesso em: 11 dez. 2013.
- MENZIES, William W.; MENZIES, Robert P. *No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal: um chamado ao diálogo*. São Paulo: Vida, 2012.

- MOREIRA, Cosme Alexandre Ribeiro. A força do pentecostalismo para transformar a sociedade: visão profética ou consequência da perseverança? In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e transformação social*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. Um século de pentecostes no Brasil: algumas observações. In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo (Orgs.). *100 anos de pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2010.
- PALMA, Anthony D. *O batismo no Espírito Santo e com fogo: os fundamentos bíblicos e a atualidade da doutrina pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção temas do ensino religioso).
- POMMERENING, Claiton Ivan. *Oralidade e escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades*. 2008. Dissertação (Mestrado) – IEPG, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.
- REBLIN, Iuri Andréas; SINNER, Rudolf von (Orgs.). *Religião e sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.
- ROLIN, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- SINNER, Rudolf von. Pentecostalism and citizenship in Brazil: between escapism and dominance. *International Journal of Public Theology*, v. 6, n. 1, p. 99-117, 2012.
- TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- WYCKOFF, John W. O batismo no espírito santo. In: HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 10. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.